

AS RASURAS DA NACIONALIDADE E AS NOVAS REPRESENTAÇÕES LITERÁRIAS NA NARRATIVA DA GUERRA DO PARAGUAI

Prof^a Dr^a Nancy Rita Ferreira Vieira (UFBA)
Cíntia Paula Andrade de Carvalho¹ (UFBA/IFBA)

Resumo:

Sabendo que muitos eventos bélicos da modernidade surgiram em função de disputas entre Estados-nações, não é surpresa que grande parte dos discursos histórico e literário produzidos desde então tenha se preocupado em interpretar os conflitos sob a ótica da nacionalidade. Não foi diferente com a Guerra do Paraguai (1864-1870). Várias são as obras historiográficas e literárias que revisitam o episódio, a partir de uma perspectiva nacionalista. No entanto, nas últimas décadas, quando se observa o aparecimento de abordagens que questionam o traçado das fronteiras nacionais, sugerindo uma configuração de novos contornos – pelo menos, no que diz respeito aos países do sul do continente americano -, a partir da eleição de outros aspectos de identificação e representação dos povos que habitam este território, manifestam-se releituras da referida campanha sob outros ângulos. No plano da literatura, alguns projetos assumem o viés de afirmação de uma suposta latino-americanidade – ou apenas uma identificação ameríndia - entre as nações envolvidas na Guerra do Paraguai, o que não significa a negação das formas de representação dos referenciais identitários de cada um desses países, mas, em certa medida, o enfraquecimento destas. Neste painel, há lugar ainda para obras nas quais o procedimento de deslocamento que abala a força do projeto identitário da nacionalidade é implementado pelo enfoque de minorias marginalidades pela historiografia acerca da guerra. Dessa maneira, a comunicação tem como objetivo apontar, nas narrativas de ficção O livro da Guerra Grande (NEPOMUCENO et. al., 2002), Cunhataí (LEPECKI, 2003) e O rastro do jaguar (CARVALHO, 2009), indícios de como o tema da guerra é acionado por intermédio da criação de um cenário heterogêneo e complexo de modos de representação, enunciação e negociação de identificações de fontes diversas (étnicas e de gênero), tangenciando as discussões sobre nacionalidade. Para tanto, o texto apoia-se em reflexões de Homi Bhabha (1998), Hall (2000; 2003), Zilá Bernd (2002), entre outros.

Palavras-chave: identidade, nacionalidade, literatura, latino-americanidade, Guerra do Paraguai.

Deve-se considerar [...] que as nações não surgem, mas são construídas. [...] Assim, qualquer tentativa de se refletir sobre a questão do nacional deve ter presente que se trata, aí, de uma realidade culturalmente

construída.
(MARIA HELENA ROUANET)

1 Introdução

Muitos eventos bélicos da modernidade surgiram em decorrência de disputas entre Estados-nações e, dessa forma, não é surpresa que grande parte dos discursos histórico e literário produzidos desde então tenha se preocupado em interpretar os conflitos sob a ótica

da nacionalidade. Não foi diferente com a Guerra do Paraguai, que eclodiu em 1864, prolongando-se a 1870.

Várias são as obras historiográficas e literárias que revisitam o episódio, a partir de uma perspectiva nacionalista. No caso brasileiro, há a famosa narrativa memorialista *A retirada da Laguna*, de Alfredo d'Esgragnolle de Taunay. Conforme Olga Maria Castrillon-Mendes, no livro *Taunay viajante: construção imagética de Mato Grosso* (2013), o conjunto da obra do escritor brasileiro apresenta-se como um projeto de identidade nacional.

No entanto, nas últimas décadas, quando se observa o aparecimento de abordagens que problematizam o traçado das fronteiras nacionais (BHABHA, 1998; VERDERY, 2000), sugerindo uma configuração de novos contornos, a partir da eleição de outros aspectos de identificação e representação dos povos que habitam este território, manifestam-se releituras da referida campanha sob outros ângulos. No plano da literatura, alguns desses projetos assumem o viés de afirmação de uma suposta latino-americanidade¹ – ou apenas uma identificação ameríndia – entre as nações envolvidas na Guerra do Paraguai. Isso não significa a negação das formas de representação dos referenciais identitários de cada um desses países, mas, em certa medida, o enfraquecimento destas. Neste painel, há lugar ainda para obras nas quais o procedimento de deslocamento que abala a força do projeto identitário da nacionalidade é implementado pelo enfoque de minorias marginalizadas pela historiografia acerca da guerra.

Nesse sentido, a comunicação tem por objetivo apontar, nas narrativas de ficção *O livro da Guerra Grande* (2002), *Cunhataí* (2003) e *O rastro do jaguar* (2009), indícios de como o tema da guerra é acionado por intermédio da criação de um cenário heterogêneo e complexo de modos de representação, enunciação e negociação de identificações de fontes diversas (étnicas e de gênero), neutralizando o impacto do projeto identitário de nacionalidade.

Considerando a importância da literatura para o emergente debate em torno da temática da identidade, destacam-se as palavras de Zilá Bernd, em *Enraizamento e errância: duas faces da questão identitária* (2002, p. 36), de que a literatura é “lugar privilegiado de construção e desconstrução de identidades”, e estas devem ser pensadas “como uma dinâmica na qual ocorrem diferentes momentos de identificação que se realizam num sempre inacabado processo”.

2 As rasuras da nacionalidade e a releitura da guerra

Em *O livro da Guerra Grande* (2002), o paraguaio Augusto Roa Bastos², o uruguaio Omar Prego Gadea³, o brasileiro Eric Nepomuceno⁴ e o argentino Alejandro Maciel⁵

¹ Refletindo a respeito da América Latina, Canclini aborda panoramicamente as correntes que buscaram definir o latino-americanismo. CANCLINI, Nestor García. *Latino-americanos à procura de uma lugar neste século*. São Paulo: Iluminuras, 2008.

² Com *Hijo de Hombre* (1970) iniciou trilogia sobre o monoteísmo do poder e que inclui também *Yo el Supremo* (1974), romance que conta a história de José Gaspar Rodríguez Francia, ditador no Paraguai durante 26 anos.

³ Publicou livros de contos e os romances *Último domicilio conocido* (1990), *Para sentencia* (1994), *Nunca segundas vueltas* (1995) e *Delmira* (1996). Participou da obra coletiva *La muerte hace buena letra* (1990).

⁴ Autor de *Quarenta dólares e outras histórias* (1987), *Hemingway na Espanha* (1991), *Coisas do mundo* (1994), *A palavra nunca* (1997), *Quarta-feira* (1998), *Contradanza y otras histórias* (1982), *Antes del invierno* (1984) e *O massacre* (2007). Traduziu obras de Gabriel García Márquez, Julio Cortázar e Jorge Luis Borges, entre outros.

juntam-se para recontar episódios envolvendo conjurados do suposto Quilombo Gran Chaco, no qual civis, soldados e oficiais - tanto do exército paraguaio quanto das forças aliadas -, viviam em harmonia. Como um dos objetivos da obra coletiva é recontar como pessoas com nacionalidades de lados adversários na guerra podem viver em paz em outro modelo de conformação social, política e cultural, a afirmação de uma latino-americanidade advém de uma estratégia recorrente na obra, que é neutralizar os nacionalismos e reforçar a ideia de que a guerra destruíra povos e culturas de um mesmo território; não o da nação, mas de parte de uma coletividade muito mais complexa, a do continente americano.

O livro é composto de cinco crônicas⁶, que, embora sejam demarcadas por atitudes escriturais singulares, dialogam entre si na construção do todo: o romance. Os textos são exercícios com intenções mais literárias do que históricas, o que não afasta seu caráter questionador em relação a legitimidade do discurso histórico. No projeto literário, enquanto Augusto Roa Bastos e Alejandro Maciel buscam abordar ficcionalmente aspectos da guerra a partir dos campos de batalha do século XIX, Omar Prego Gadea e Eric Nepomuceno constroem narrativas, nas quais as personagens contemporâneas procuram retomar vestígios da guerra.

Roa Bastos é autor das duas primeiras crônicas: *Em frente à frente argentina* e *Em frente à frente paraguaia*. As narrativas são repletas de metáforas, as quais servem para compor não apenas o cenário de horror da guerra, mas também para mostrar os lados contrários do conflito e, principalmente, a perspectiva do episódio sob o ponto de vista dos vencidos. Os textos dialogam, questionando as “verdades” e preenchendo lacunas deixadas pela historiografia oficial.

Na crônica *Em frente à frente paraguaia*, Roa Bastos faz referências ao pintor Cândido López, quando é mencionada a existência de um artista paraguaio homônimo ao argentino. O paraguaio também havia perdido o braço direito. Nas palavras do narrador, o pintor já não era senão “a metáfora do povo dizimado, exterminado pela guerra”. Certamente, Roa Bastos, com a introdução do que chama de “duplo guerreiro”, procura acionar os valores relacionados tanto ao nacionalismo quanto a uma identidade intercultural compartilhada pelas nações envolvidas no conflito. O narrador destaca como a guerra pode causar efeitos danosos à identidade dos povos, quando “essas contendas ocorrem entre povos irmãos de culturas idênticas, de um mesmo sangue” (ROA BASTOS, 2002, p. 93).

A narrativa de Alejandro Maciel, *Fundação, apogeu e ocaso do Quilombo do Gran Chaco*, relata a deserção do capitão argentino Francisco Paunero. O capitão, narrador do texto, descreve o quilombo como uma colônia localizada na região fronteira entre Paraguai, Argentina e Brasil e habitada por refugiados das quatro nacionalidades. Segundo ele, eram

índios mal adaptados à civilização, pessoas a quem a guerra havia espantado das cidades, libertos que cruzaram a fronteira fugindo de seus donos, pardos desertores dos quatro exércitos mestiços de todo o tipo, soldados prófugos e mulheres vindas ou trazidas de todos os lugares (ROA BASTOS, 2002, p. 123).

Paunero também explica que o governo da comuna era formado por um conselho

⁵ Fez outra coautoria com Roa Bastos em *La casa de La memoria*. Em *La salvación, después de Noé* aborda temas do judaísmo.

⁶ Termo utilizado por Alejandro Maciel, no prefácio, para identificar o texto de cada autor da obra.

administrado por três representantes de cada um dos países envolvidos no conflito. Na entrada da colônia, constava uma bandeira branca, cujo lema era “Paz na paz e guerra à guerra”.

Eric Nepomuceno, por sua vez, encerra o livro com o texto *Um barão não mente, envelhece*. O narrador relata sua empreitada à justiça com o objetivo de adquirir o direito de assumir o título de VII Barão de Ramalho, já que afirmava ser descendente de um dos conjurados do Quilombo do Gran Chaco, o militar brasileiro Florêncio Silveira. Em meio ao relato, percebe-se o incômodo da personagem questionando-se sobre quem de fato é, de sua vergonha por se sentir um daqueles que ajudaram a dizimar povos irmãos. Sua identificação enquanto brasileiro reprime-se diante do reconhecimento do sentimento fraterno para com o povo paraguaio.

O livro da Guerra Grande (2002), ao passo que busca implementar uma incursão em um universo tão heterogêneo, como o híbrido quilombo, traz à tona um tema fundamental do debate cultural contemporâneo nas Américas: o latino-americanismo. Se tal quilombo de fato existiu, pouco importa. Para a investida desses escritores, a comuna é o lugar por excelência para diluir as diferenças, evocando o passado comum dos povos latino-americanos.

Tal empreendimento literário, em certa medida, choca-se com o argumento levantado por Pedro Dolabela Chagas (2011) de que é perceptível na recente produção romanesca uma rarefação significativa dos temas Brasil e América Latina como centro orientador da narrativa, ou seja, se apresentam como temas proporcionalmente menos importantes para o romance brasileiro e latino-americano. Segundo o estudioso, os romances contemporâneos que têm a identidade enquanto tema não se encaixam na orientação das produções do “mito” e do “arquivo”, tese de Roberto Echevarría⁷, e “tal e qual Brasil”, tese de Flora Sussekind⁸. Isso significaria que, segundo Chagas, o paradigma da desconstrução do “paradigma da nacionalidade”, tão importante nas décadas de 1980 e 1990, estaria chegando a um ponto de saturação. Mas, então, como explicar o que ocorre em *O livro da Guerra Grande* (2002) e nos demais romances analisados neste texto, uma vez que discorrem sobre o Brasil, a América latina e os mitos da América? Ao que parece, estariam, de acordo com sua interpretação, fora de uma tendência que predominou décadas atrás.

O rastro do jaguar (2009), de Murilo Carvalho⁹, narra a história de Pierre, índio Guarani, que retorna ao Brasil em busca das suas origens. Levado ainda criança à Europa

⁷ Conforme Chagas (2011, p. 45), aos romances sob o *topos* do “arquivo” pertencem “todas as formas e estratégias historicamente adotadas para a construção literária da identidade, assim como os vários ‘mitos’ de origem representados literariamente”. Trata-se de um arquivo de formas, de temas, personagens e padrões explicativos, dos quais o escritor contemporâneo poderia acionar livremente.

⁸ Chagas (2011, p. 46-47) explica que, segundo Sussekind, o romance brasileiro se colocara como missão histórica ‘definir’ e ‘explicar’ a nação e sua sociedade e que “o sistema brasileiro seria regido, historicamente, por uma simbiose entre a produção romanesca e acrítica literária. Essa simbiose teria fomentado um realismo objetivo, que anulava que anulava a sua própria ficcionalidade ao tratar o texto como um meio neutro para a expressão de conteúdos que desta forma apareciam na literatura, assim como se manifestavam na realidade”.

⁹ Jornalista mineiro que há mais de vinte anos acompanha as experiências de grupos indígenas. Escreveu o romance, após quatro anos de pesquisas em Biblioteca do Exército dos países envolvidos na Guerra do Paraguai, em cartas do Solano López para o presidente da Argentina, documentos secretos da época da guerra em que se discutia tortura etc.

pelo naturalista francês que visitava o país, August de Saint'Hilaire¹⁰, torna-se oficial do exército francês e músico da orquestra de Paris. Defrontando-se com acontecimentos que desestabilizam suas certezas sobre se tratar de um indivíduo plenamente inserido e respeitado na sociedade europeia, Pierre decide voltar à terra natal e seguir uma trajetória de autoconhecimento e imersão na cultura ameríndia.

O romance empreende uma viagem de valorização à “outridade”, na medida em que o relato da busca identitária de Pierre mescla-se à história de luta de povos Aimoré e Guarani por sobrevivência e reconhecimento em territórios nos quais as nações sul-americanas lançavam-se em uma marcha progressista¹¹.

Diferentemente da produção literária romântica, a recuperação do mito guarani em *O rastro do jaguar* não intenta a construção ou mesmo a fixação de uma identidade nacional. Antes, a retomada do mito sugere a importância que a cultura guarani deposita na religião e no profetismo. Para os guarani, Pierre é o jaguar, guerreiro aguardado para conduzi-los à “Terra sem males”. O mito simboliza, portanto, a esperança dos povos indígenas de encontrar um espaço no qual possam implantar a nação guarani no interior da nação brasileira.

O romance, então, valoriza a discussão em torno da ideia de uma identidade fluida e fragmentada, da qual fala Stuart Hall (2003), destoando de antigas representações narrativas que privilegiam identidades em torno do indivíduo centrado. Acompanha-se, portanto, a conflitante representação do índio enquanto personagem: ora o índio heroico, mítico, idealizado, das constantes referências a Gonçalves Dias, ora o índio ativo no processo bélico, também capaz de atos bárbaros, lutando e matando aquele que figura como seu inimigo. Mas a obra incide, principalmente, na representação de um índio vítima da exclusão social e sujeito à extinção.

Hall (2000) também argumenta que é precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que é necessário compreender como são produzidas no interior de formações discursivas específicas. Isso implica o conhecimento de que é por meio da relação com o Outro que o significado de identidade pode ser construído.

E, de fato, *O rastro do jaguar* (2009) apresenta as mudanças enfrentadas por Pierre. Gradativamente a narrativa vai revelando a indignação de Pierre com o tratamento dispensado a índios americanos presos na França. Em determinado momento, sua

¹⁰ Um dos primeiros cientistas europeus a receberem autorização para percorrer livremente o Brasil, graças à disposição da Corte portuguesa, instalada no Rio de Janeiro desde 1808, de abertura dos portos às ações amigas. De 1816 a 1822, o naturalista francês visitou as províncias do centro e do centro-sul do país, recolhendo espécimes para seu acervo botânico e fazendo registros num diário de viagem, publicado mais tarde em diversos volumes.

¹¹ A participação de indígenas na guerra contra o Paraguai é fato reconhecido apenas em dias atuais. Há poucas referências históricas à participação de populações indígenas na Guerra do Paraguai, considerando-se que, apesar de necessitar da ajuda indígena naquele momento, o Império ainda os enxergava como seres selvagens, que precisavam ser conduzidos à civilização. Além disso, não registrá-los nos documentos oficiais era uma forma de se prevenirem, por exemplo, de pagamentos de indenizações, pensões ou qualquer tipo de gratificação pelos feitos na guerra. Nem todas as etnias envolvidas nesse cenário foram incorporadas às forças expedicionárias que se formaram. Alguns grupos indígenas procuraram proteção em lugares distantes, o que significou abandonar suas terras correndo o risco de perdê-las. Outros foram feitos prisioneiros. MARQUES, Adriana Vargas. Um exército invisível: a participação de indígenas na guerra contra o Paraguai. In: *Revista Uratágua*, 10 Ago/Set/Out/Nov – Quadrimestral. 31 de Agosto de 2006.

indignação toma forma, quando decide afastar-se da aparência de europeu para assemelhar-se aos indígenas. E da indignação surge a obstinação em conhecer de perto as culturas ameríndias, o que significaria partir para o Brasil.

Pierre não se reconhece e nem tampouco é reconhecido francês. A narrativa identitária francesa, por exemplo, exclui Pierre. No entanto, ao chegar à América do Sul, não inicia um processo de identificação com a nacionalidade brasileira ou paraguaia, mas, sim, com a narrativa identitária dos mitos guarani. É recebido entre as comunidades ameríndias como o profeta-guerreiro com a missão de tentar unir os vários povos indígenas a fim de formar a grande nação guarani. Sua nação é nação Guarani.

De acordo com Katherine Verdery (2000, p. 240), o construto ideológico “nação” tornou-se essencial para o modo como um Estado se liga a seus membros quanto os distingue dos membros de outros Estados. Enquanto símbolo, o sentido do termo é instável e seu uso requer um exame rigoroso das tensões e lutas sociais em meio às quais ele se torna uma expressão significativa. Apoiando-se em Eric Hobsbawn, que identifica dois sentidos para o termo “nação” – (a) a relação de cidadania, na qual consiste na soberania coletiva, e (b) a relação conhecida como etnia, na qual a nação abrange todos os são dotados de língua e história comuns, a autora argumenta que os nacionalismos modernos geralmente têm imputado a última relação. Contudo, trata-se de um engano confundir os dois conceitos, uma vez que se “deve tratar a nação como um símbolo e qualquer nacionalismo como tendo múltiplos sentidos, oferecidos como alternativas e disputados por diferentes grupos que manobram para se apoderar da definição do símbolo e de seus efeitos legitimadores” (VERDERY, 2000, p. 241).

Levando-se em conta que o enredo é ambientado durante a Guerra do Paraguai, conflito que eclodiu em período no qual os Estados-nações e as narrativas identitárias em torno desses territórios começavam a ser alvo de políticas estatais, o romance, por outro lado, focaliza a história de um personagem que transgride essa identificação com o sentido de nação que corresponde ao apresentado por Benedith Anderson (2008). Segundo o teórico, a nação moderna é uma “comunidade imaginada”, não no sentido de se tratar de algo falso, invetado, mas resultado da criação de laços imaginários que permitam “ligar” pessoas que, sem eles, seriam simplesmente indivíduos isolados, sem compartilhar sentimento algum em comum.

Leonam Silva (2000), em ensaio que empreende uma análise sobre a inclusão do componente étnico indígena na iconografia da Guerra do Paraguai, argumenta que a abordagem de Anderson dá pouca ênfase a conceitos como “etnia”, uma vez que sua concepção apoia-se em um universo moldado por fatores geográficos, históricos e econômicos. E a observação de Silva contribui para a reflexão que este texto desenvolve, quando se observa, em *O rastro do jaguar* (2009), o confronto de duas noções de nação: o sentido de nação enquanto “comunidade imaginada”, correpondente a dos Estados-nações envolvidos no confronto bélico, e o sentido de nação que acomoda em seu bojo a importância da vertente étnica, relacionado ao ideal perseguido pelas comunidades indígenas.

Em *Cunhataí* (2003), outro segmento da minoria é centro da representação. A autora Maria Filomena Lepecki recoloca pormenores desprezados pela historiografia oficial, como a participação da mulher na guerra e a interpretação do conflito sob a ótica feminina. A jovem segue para acompanhar o Exército Brasileiro não para lutar pela pátria, mas para acompanhar o marido.

O romance descreve o curso da guerra, colocando em evidência os desafios e dilemas enfrentados pelas mulheres que acompanhavam as tropas brasileiras:

À medida que os batalhões marchavam, as fileiras iam se desmanchando para no fim, parecerem uma massa informe de pessoas. Atrás dos homens iam as mulheres. Esposas legítimas de soldados, amásias, escravas forras e prostitutas. Muitas com filhos pequenos e outras grávidas. A maioria equilibrando trouxas (LEPECKI, 2003, p. 69)

Outro estratagema presente no romance para diluir a importância da representatividade do nacional é o dilema enfrentado pelo oficial a quem Micaela desposa na trama: Ângelo, filho de um brasileiro com uma paraguaia. A ascendência e experiência do jovem no exército imperial servem de alibi para que atue como espião do governo paraguaio. No entanto, ainda que decidido a lutar pelo país de Solano López, o oficial mostra-se, por vezes, afetado por sua identificação com a cultura brasileira. Em outros momentos, o conflito identitário de Ângelo é representado pela frequência dos inquietantes sonhos, nos quais delira em guarani, segunda língua do Paraguai. Um claro exemplo de sua herança ameríndia.

A perspectiva de identidade nacional proposta por Homi Bhabha (1998) é importante para se pensar tanto o “entrelugar” no qual se encontra o personagem Ângelo de Cunhataí quanto a representação da minorias na narrativa de Cunhataí. Na tentativa de desconstruir a grande narrativa acerca na nação, Bhabha assegura que o termo precisa implicar outro sentido para esta construção discursiva, sustentado na noção de incompletude. O teórico critica a metáfora progressista da coesão social moderna pautada na ideia de “muitos como um”, presente na abordagem de Anderson (2008). Sugere o redirecionamento da noção de nação de “muitos como um” para a “de muitos em um”, entendendo ser esta a máxima da fundação da sociedade política da nação moderna.

A proposta de Bhabha é a de que se pense a nação a partir das suas margens, das suas fronteiras, daquilo que não está coeso, mas é metade. Essa realidade impõe que as culturas nacionais sejam criadas a partir da perspectiva das minorias que vivem na periferia do poder. Da mesma forma, a identidade nacional, a partir dessa concepção, vê-se instada a redefinir-se continuamente, em um processo de reconstrução e negociação com outras construções identitárias.

E certamente esse parece ser um dos objetivos em comum das narrativas contemporâneas que revisitam a narrativa da Guerra do Paraguai.

Conclusão

As fronteiras nacionais, quando associadas à guerra, geralmente são entendidas como linhas que separam grupos e domínios políticos. No entanto, nas narrativas analisadas, o significado dessas fronteiras é questionado. Os critérios da etnicidade e de gênero são colocados como construtos discursivo-culturais que rasuram a força do projeto de nacionalidade.

O argumento apresentado no texto não tem a intenção de levantar bandeira totalizante, uma vez que os esparsos exemplos retirados dos romances permitem que se pense na possibilidade de que a ficção contemporânea voltada a reinterpretar a Guerra do Paraguai problematiza a hipótese levantada por alguns estudiosos da literatura, de que, nas últimas décadas, a produção literária brasileira e latino-americana esteja entrando em um processo de rarefação tanto do paradigma do nacionalismo quanto do latino-americanismo.

Os romances aludidos relativizam sim a força do nacionalismo, mas, por outro lado, na intenção de condenar o conflito bélico, além de atravessar a questão identitária com representações de outra natureza (como a de gênero, por exemplo), retomam um passado mítico da América e/ou reivindicam laços supostamente latino-americanos entre os povos dos países envolvidos no conflito.

Não existem respostas precisas para esses questionamentos, já que o presente estudo trata-se de um exercício de reflexão sobre a problemática da identidade. Ao mesmo tempo, não deixa de sinalizar a oportunidade de avançar na investigação de o porquê desse tipo de discussão estar se apresentando na literatura revisionista da Guerra do Paraguai. Afinal, o texto insinua caminhos, mas não chega a percorrê-los plenamente.

Referências Bibliográficas

ANDERSEN, Benedict R. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BERND, Zilá. Enraizamento e errância: duas faces da questão identitária. In: SCARPELLI, Marli Fantini; DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). **Poéticas da diversidade**. Belo Horizonte: UFMG/Fale, 2002, p. 36-46.

CARVALHO, Murilo. **O rastro do jaguar**. São Paulo: Leya, 2009.

CASTRILLON-MENDES, Olga Maria. **Taunay viajante**: construção imagética de Mato Grosso. Cuiabá, MT: EdUFMT, 2013.

CHAGAS, Pedro Dolabela. Após a nacionalidade: história do romance e produção romanesca no Brasil e na América Latina. In: THOMAZ, P. C.; MARTINEZ, J. L. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 38, jul./dez. 2011, p. 41-59.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. 2. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva & Guaracira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A Ed., 2003. 112 p.

LEPECKI, Maria F. B. **Cunhataí**: um romance da Guerra do Paraguai. São Paulo: Talento, 2003.

ROA BASTOS, A.et. al. **O Livro da Guerra Grande**: quatro escritores latino-americanos e a Guerra do Paraguai. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SILVA, Leonam Lauro Nunes da. O Índio nas páginas da Revista “A Semana Ilustrada”: a Guerra com o Paraguai e o nacionalismo em discussão. In: BORGES, Fernando Tadeu de Miranda; PERARO, Maria Adenir (Org.). **Brasil e Paraguai**: uma releitura da guerra. Cuiabá, MT: Entrelinhas: EdUFMT, 2012, p. 327-351.

VERDERY, Katherine. Para onde vão a “nação” e o “nacionalismo”? In: BALAKRISHNAN, Gopal (Org.) **Um mapa da questão nacional**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000, p. 239-247.

i Cíntia CARVALHO, Profa. Ms.

Instituto Federal da Bahia (IFBA)

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Nancy Rita Ferreira Vieira (UFBA)

cintiapaula1@gmail.com